

Sobrevivência das Firms no Brasil: Dez. 1995/Dez. 1997

SHEILA NAJBERG
FERNANDO PIMENTEL PUGA
PAULO ANDRÉ DE SOUZA DE OLIVEIRA*

RESUMO Este estudo analisa a dinâmica de criação e fechamento das firmas existentes no Brasil, no período dez. 1995/dez. 1997, em termos de porte e idade e de seu impacto no emprego. Os resultados mostram que uma quantidade significativa de firmas é criada e fechada a cada ano, com taxas de natalidade e mortalidade maiores para as de menor porte e menos idade. Em termos de criação de postos de trabalho, o crescimento no emprego nas micro e pequenas unidades mais do que compensou a redução nas médias e grandes, o que revela a importância do apoio às unidades de menor porte. Políticas públicas que reduzam a mortalidade dessas unidades devem ter um impacto significativo na geração e manutenção do emprego.

ABSTRACT *This paper analyses the dynamics of the creation and exit of firms in Brazil throughout Dec. 1995/Dec. 1997, in terms of size and age of firms and impact on employment. The results show that each year a large number of firms are created and closed down. The entry and exit rates are higher for smaller and younger firms. As far as job creation, employment growth in micro and small units more than compensated the reduction in the medium and large ones. These results show the importance of supporting small firms. Public policies that reduce the exit rate of these units should have a significant impact on the generation and maintenance of employment.*

* Respectivamente, economistas do BNDES e estatístico do Convênio BNDES/Pnud. Os autores agradecem ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) pelo uso de seus registros administrativos e ao auxílio da Datamec no processamento e montagem da base de dados. Foram valiosos na elaboração deste trabalho os comentários de Alfonso Rodriguez Árias e Marcelo Gil Ikeda.

1. Introdução

No Brasil, bem como na maioria dos países, as micro e pequenas firmas respondem pela grande maioria das unidades produtivas criadas anualmente. A criação de estabelecimentos é uma dinâmica desejável, na medida em que permite a geração de novos empregos e de oportunidades para mobilidade social, além de contribuir para o aumento da competitividade e a eficiência econômica.¹ No entanto, no caso específico das unidades de menor porte, segundo Audretsch (1999), há duas visões contraditórias: na ótica tradicional, elas impõem custos excessivos para a economia como resultado de escalas de produção ineficientes, que implicam baixa produtividade e baixos salários para os seus trabalhadores; e, em outra perspectiva, pequenas unidades nascentes são vistas como agentes de mudança, com um papel crucial na inovação tecnológica. Além disso, é através desses estabelecimentos que milhões de trabalhadores conseguem chegar ao mercado de trabalho.

Embora o estudo da natalidade e da mortalidade de firmas seja de conhecida importância, existe um grande desconhecimento na literatura sobre esse assunto no tocante às unidades brasileiras. Até o presente momento, apenas o Sebrae Nacional, o Sebrae de Minas Gerais e o Sebrae de São Paulo realizaram trabalhos sobre as taxas de mortalidade das empresas instaladas no país.²

O objetivo deste estudo é aprofundar o conhecimento da dinâmica de criação e fechamento das firmas existentes no Brasil. Para isso, procedeu-se à investigação de cerca de dois milhões de estabelecimentos formais com registros no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) no período dez. 1995/dez. 1997. A base de dados utilizada é a Relação Anual de Informações Sociais (Rais), que contém informações sobre o emprego formal em 31 de dezembro de cada ano. As taxas de natalidade e mortalidade são analisadas

1 Cada endereço de atuação de uma empresa corresponde a um estabelecimento, com CNPJ próprio. Ao longo deste trabalho, os conceitos de firma, estabelecimento e unidade produtiva são usados indistintamente.

2 Em 1997, o Sebrae Nacional, em parceria com o Sebrae de Minas Gerais, realizou uma pesquisa-piloto para averiguar os fatores condicionantes e as taxas de mortalidade das empresas do estado constituídas na Junta Comercial de Minas Gerais, no período 1995/96. Em 1999, o Sebrae Nacional replicou a pesquisa para incluir empresas instaladas em outras 12 unidades da Federação constituídas no período 1995/97. Também em 1999, foi feito pelo Sebrae de São Paulo, com a mesma finalidade, um levantamento das empresas localizadas no estado constituídas entre 1995 e 1997. Nesses estudos, trabalhou-se apenas com amostras de empresas. Em relação à taxa de natalidade, não foi identificado qualquer trabalho que tratasse do tema.

sob a ótica de tamanho e impacto no emprego.³ Em particular, para o caso brasileiro, seguindo evidências internacionais, é apurado se existe uma relação entre taxa de mortalidade e idade do estabelecimento. O estudo investiga também se essa taxa difere para as unidades que têm vínculos de propriedade com outros estabelecimentos (relação matriz e filial). Finalmente, analisam-se as mudanças de porte nas firmas que sobreviveram durante os anos de 1996 e 1997.

O trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: a Seção 2 apresenta as taxas de natalidade e mortalidade dos estabelecimentos brasileiros por tipo de vínculo de propriedade com outras firmas e por porte; na Seção 3 procura-se analisar o impacto no emprego formal; a Seção 4 resume as principais conclusões e resultados; finalmente, no Anexo descreve-se a metodologia utilizada.

2. Natalidade e Mortalidade das Firms Brasileiras

Diversos estudos comprovam que a taxa de mortalidade se reduz com o porte e a idade do estabelecimento, resultados que se mantêm para diferentes países e períodos de análise. Trabalhos empíricos também mostram que a taxa de mortalidade diminui para unidades com vínculos estreitos com outros estabelecimentos (filial/matriz \times unidades autônomas).⁴ Como explicação para a maior taxa de mortalidade das novas firmas, Audretsch (1999) aponta que, nos primeiros anos de atividade de uma firma, são muitas as incertezas quanto à demanda de seus produtos e à própria competência do empresário e de seus empregados. Com o passar do tempo, o empresário adquire maior experiência do seu ramo de atividade. No tocante às evidências de menor mortalidade das unidades de grande porte e daquelas vinculadas a outros estabelecimentos, Nucci (1999) aponta que esses resultados se justificam se entendermos as variáveis porte e tipo de vínculo com outros estabelecimentos como *proxies* de acesso a capital humano e financeiro e como condições diferenciadas na entrada. Por exemplo, uma filial deve poder recorrer à matriz no caso de alguma dificuldade, assim como um estabelecimento de grande porte tem mais acesso ao mercado de capitais do que uma unidade pequena, daí decorrendo menores taxas de mortalidade. O

3 Para uma análise sob a ótica de setor de atividade e localização geográfica, ver Najberg, Puga e Oliveira (2000).

4 Dunne, Roberts e Samuelson (1989), ao investigarem o comportamento de 200 mil estabelecimentos da indústria americana criados no período 1967/77, mostram que, em geral, as taxas de mortalidade declinam com a idade. Brüderl, Preisendörfer e Ziegler (1992), usando dados de 1.849 estabelecimentos da indústria alemã nascidos entre 1985 e 1986, apontam que as unidades menores têm uma taxa de mortalidade maior, enquanto as grandes unidades vinculadas a uma matriz têm taxas menores dentre o conjunto de grandes estabelecimentos. Para uma resenha da literatura recente sobre o comportamento das firmas, ver Caves (1998).

autor argumenta também que, em setores onde há a necessidade de expressivos investimentos na entrada, as firmas, em geral, têm um “colchão” para choques eventuais e, assim, apresentam taxas de mortalidade mais baixas.

No caso da taxa de natalidade, a teoria de que novas firmas são abertas nos setores que apresentam lucros extraordinários e fecham nos setores onde ocorrem prejuízos, existindo uma correlação negativa entre natalidade e mortalidade, tem sido contestada. De fato, segundo Geroski (1995), as evidências internacionais, como, por exemplo, o comportamento das firmas na Inglaterra no período 1974/79 e no Canadá na década de 70, revelam uma correlação positiva entre criação e fechamento de unidades por setor de atividade.

O objetivo desta seção, que constitui o núcleo central do estudo, é fazer uma investigação sobre a dinâmica de criação e fechamento de firmas no Brasil para o período dez. 1995/dez. 1997. Na subseção a seguir é verificado se o fato de uma determinada unidade estar vinculada a uma matriz tem alguma influência sobre essa dinâmica. Na outra subseção as firmas são analisadas por porte.

Vínculo de Propriedade: Filiadas *versus* Autônomas

Ao final de 1997, segundo os dados da Rais, havia cerca de dois milhões de estabelecimentos no Brasil. Em comparação com dezembro de 1995, houve um aumento líquido de 11,2% no número total de unidades, com um crescimento maior em 1997 do que no ano anterior. Tanto a taxa de natalidade quanto a de mortalidade de firmas aumentaram significativamente. Cerca de 350 mil estabelecimentos foram criados em 1996, enquanto 566 mil surgiram em 1997. Já o número de estabelecimentos fechados aumentou de 275 mil em 1996 para 442 mil no ano seguinte. Desse modo, houve um crescimento no estoque de firmas de 75 mil unidades em 1996 e de 124 mil em 1997.

No período dez. 1997/dez. 1996, as taxas de natalidade e mortalidade dos estabelecimentos no Brasil foram de 30,7% e 24%, respectivamente, resultando em uma taxa de crescimento líquido de 6,7% no número de unidades.⁵ Tais resultados se modificam extraordinariamente quando analisados

5 De modo a verificar a consistência dessas taxas, foram analisados os percentuais de nascimentos e mortes para os períodos dez. 1984/dez. 1986 e dez. 1988/dez. 1992 (não foi possível obter informações para os períodos dez. 1986/dez. 1988 e dez. 1992/dez. 1995). No primeiro período, as taxas de natalidade e mortalidade se situaram no intervalo de 27,3% a 31,3% e de 21,6% a 22,4%, respectivamente. No segundo, ficaram dentro dos intervalos de 27% a 32,9% e de 24,6% a 30,2%, respectivamente. Ou seja, a taxa de natalidade de 30,7% referente a 1997 esteve dentro dos intervalos acima. Já a taxa de mortalidade de 24% ficou acima do intervalo correspondente ao período dez. 1984/dez. 1986, porém ligeiramente abaixo do intervalo referente ao período dez. 1988/dez. 1992.

em separado, para o universo de estabelecimentos autônomos e para o conjunto de unidades que têm vínculos com sua matriz. Dos 566 mil estabelecimentos criados em 1997, a maioria era de autônomos. A Tabela 1 mostra que é também nessas unidades que vem ocorrendo o crescimento líquido no número de firmas. No entanto, a taxa de mortalidade de tais unidades em 1997 foi superior à das filiadas (mais do que o dobro).⁶

TABELA 1

Criação e Fechamento das Firmas: Filiadas *versus* Autônomas

(Em Mil Firmas)

	NÚMERO DE FIRMAS EM 1995	NATALI- DADE EM 1996	MORTA- LIDADE EM 1996	NÚMERO DE FIRMAS EM 1996	NATALI- DADE EM 1997	MORTA- LIDADE EM 1997	NÚMERO DE FIRMAS EM 1997
Total	1.770	350	-275	1.844	566	-442	1.968
Filiadas	348	43	-41	350	45	-44	351
Autônomas	1.421	307	-234	1.494	521	-398	1.617

Fonte: Rais/MTE.

Porte

A participação dos microestabelecimentos, que já era expressiva em 1995, tem sido crescente nos últimos anos. Ao final de 1997, tais unidades respondiam por 92,5% das firmas existentes. Nesse ano, enquanto nas microunidades houve um aumento líquido de 123 mil firmas, nas grandes ocorreu um aumento de apenas nove firmas. Tanto a criação é mais provável de ocorrer nas unidades de menor porte quanto as chances de um estabelecimento fechar são maiores. Esses resultados, bastante conhecidos na literatura internacional, são também comprovados para o caso brasileiro. Como pode ser visto na Tabela 2, 97,7% das novas unidades e 97,2% das unidades fechadas, ao longo de 1997, eram microestabelecimentos. A título de comparação, segundo o U.S. Small Business Administration (1998), nos Estados Unidos, em 1995, as microunidades responderam por 95,7% das novas firmas e 95% das unidades fechadas.

Como mostra o Gráfico 1, para o conjunto de estabelecimentos, em 1997, a taxa de natalidade foi de 30,7% e a de mortalidade de 24%. Mata e Portugal (1994) reportam taxas próximas para Portugal para o período 1982/88,⁷

⁶ Tais resultados são consistentes com os obtidos por Mata e Portugal (1994).

⁷ Os resultados apresentados em Cable e Schwalbach (1991) para oito países, entre eles Estados Unidos, Canadá, Alemanha e Inglaterra, são bem inferiores aos obtidos para o Brasil, não ultrapassando 13%. A explicação para essas diferenças está na maior cobertura das unidades de menor porte no nosso caso.

TABELA 2

Criação e Fechamento de Estabelecimentos no Brasil – 1995/97

	MICRO (0-19)	PEQUENOS (20-99)	MÉDIOS (100-499)	GRANDES (500 +)	TOTAL
Número de Estabelecimentos em 1995	1.626.982	112.342	25.176	5.016	1.769.516
Natalidade em 1996	339.208	8.832	1.403	205	349.648
Mortalidade em 1996	-269.106	-4.593	-913	-164	-274.776
Variação Líquida em 1996	70.102	4.239	490	41	74.872
Número de Estabelecimentos em 1996	1.697.084	116.581	25.666	5.057	1.844.388
Natalidade em 1997	552.469	11.330	1.635	237	565.671
Mortalidade em 1997	-429.530	-10.458	-1.567	-228	-441.783
Variação Líquida em 1997	122.939	872	68	9	123.888
Número de Estabelecimentos em 1997	1.820.023	117.453	25.734	5.066	1.968.276

Fonte: Rais/MTE.

resultados que são fortemente influenciados pelo comportamento das micro-empresas, dada a magnitude de unidades que surgem e que fecham. No Brasil, enquanto as taxas de natalidade e mortalidade para os microestabelecimentos foram de 32,6% e 25,3%, para os grandes elas ficaram em 4,7% e 4,5%, respectivamente.

Uma outra evidência internacional que merece ser investigada é a relação entre fechamento e idade. Por exemplo, Evans (1987), ao estudar 100 setores da indústria americana no período 1976/80, encontrou uma relação positiva entre sobrevivência de firmas e idade para 83% dos setores. Infelizmente, os dados da Rais disponibilizados cobrem um período relativamente curto (dez. 1995/dez. 1997), além de não permitirem a distinção, nos dados de 1995, das unidades criadas naquele ano das nascidas em anos anteriores. Assim, só foi possível fazer uma análise para 1997.

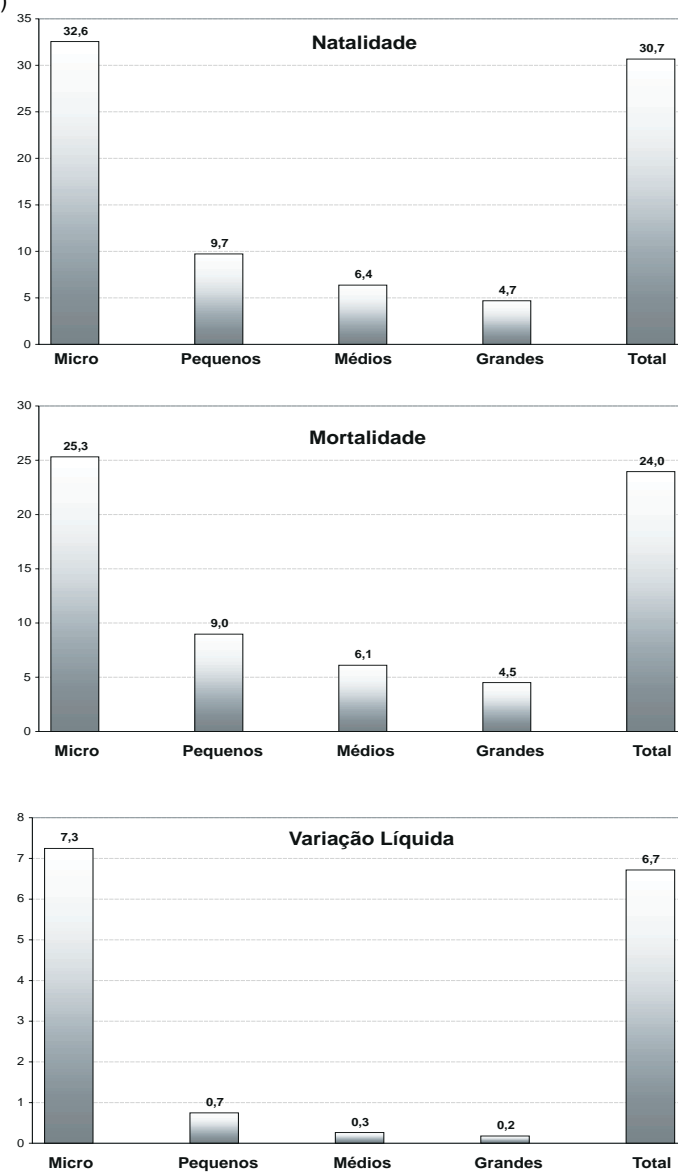
A taxa de mortalidade apresentada no Gráfico 1 foi recalculada para diferenciar, no fechamento das unidades em 1997, aquelas nascidas ao longo de 1996 das nascidas antes de dezembro de 1995. O Gráfico 2 mostra que, independente do porte, a taxa de mortalidade é menor quanto maior a idade do estabelecimento. Para as unidades nascidas em 1996, a taxa foi de 30,1% e, para as nascidas em anos anteriores, o percentual de fechamento se reduziu para 22,5%.⁸

⁸ A taxa de mortalidade se reduz com a idade do estabelecimento até em uma análise de unidades autônomas versus unidades com vínculos de propriedade. Em 1997, a taxa de mortalidade das filiais surgidas em 1996 foi de 15,6%, contra 32,2% para os estabelecimentos autônomos. Considerando o universo das existentes em dezembro de 1995, essas taxas se reduziram para 12,2% e 25,2%, respectivamente.

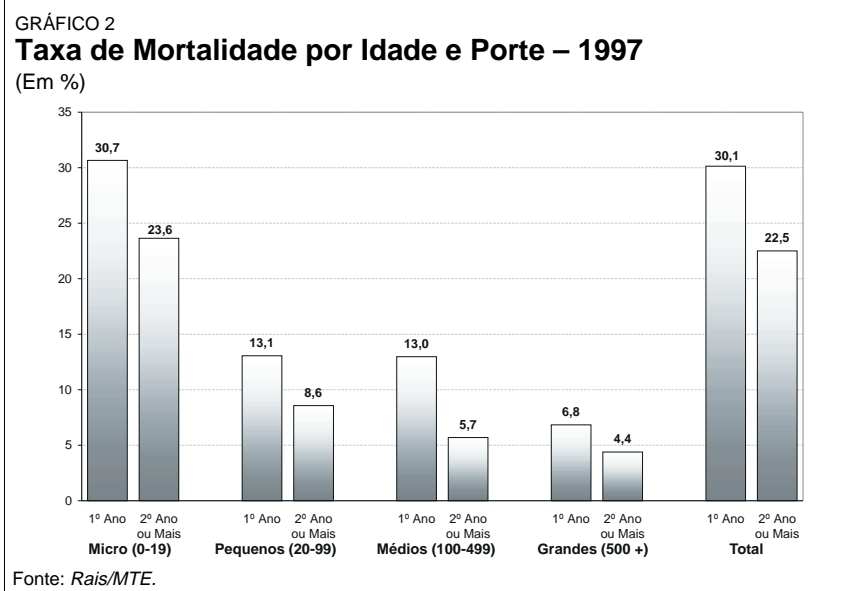
GRÁFICO 1

Taxas de Natalidade e Mortalidade de Estabelecimentos no Brasil – Dez. 1997/Dez. 1996

(Em %)



Fonte: Rais/MTE.



Por último, é interessante ressaltar que, do total de 1,96 milhão de firmas que existiam em dezembro de 1997, apenas 1,16 milhão existiam em dezembro de 1995, ou seja, 41% do número de estabelecimentos existentes em 1997 não existiam em dezembro de 1995. Tal proporção é concentrada no extrato de microporte, com o fechamento, até dezembro de 1997, de mais de 600 mil microunidades que existiam em dezembro de 1995. No caso das grandes unidades, apenas 8% do total de 5,1 mil firmas em dezembro de 1997 não existiam em dezembro de 1995.

A Tabela 3 evidencia as mudanças ocorridas no porte do conjunto de 1,16 milhão de unidades existentes em dezembro de 1995 e que sobreviveram durante os anos de 1996 e 1997. No entanto, os dados devem ser lidos com certa cautela. O fato de 98% dos microestabelecimentos, com mais de dois anos de existência, terem permanecido nessa classificação não implica que não tenham crescido. Por exemplo, uma firma com cinco trabalhadores que admite mais 10 ainda se enquadra na mesma classificação de porte. De todo modo, impressiona que 2,1% e 0,05% de um conjunto de 1 milhão de microestabelecimentos existentes em dezembro de 1995, isto é, 21,8 mil e 510 unidades, tenham passado à condição de pequenos e médios em dezembro de 1997.

TABELA 3

Mudança de Porte dos Estabelecimentos após Dois Anos^a – 1995/97

(Em %)

1997	1995			
	Micro (0-19)	Pequenos (20-99)	Médios (100-499)	Grandes (500 +)
Micro (0-19)	97,83	23,21	5,51	2,93
Pequenos (20-99)	2,12	73,06	16,23	1,79
Médios (100-499)	0,05	3,68	75,72	16,67
Grandes (500 +)	0,00	0,05	2,54	78,61

Fonte: Rais/MTE.

^aEstabelecimentos que existiam em dezembro de 1995 e continuaram vivos em dezembro de 1997.

Uma investigação mais detalhada das unidades sobreviventes revela a existência de diferenças significativas entre os macrossetores de atividade no tocante às mudanças de porte. Como mostra a Tabela 4, na indústria, onde a economia de escala é mais relevante, é maior a mudança de porte das firmas sobreviventes em relação, por exemplo, àquelas que compõem o setor de comércio. Uma nova empresa industrial pode começar operando numa escala subótima, mas a partir daí tem de se expandir para continuar em atividade. Aquelas que não conseguem acompanhar esse processo provavelmente são forçadas a sair do mercado.

TABELA 4

Indústria de Transformação e Comércio: Mudança de Porte dos Estabelecimentos após Dois Anos^a – 1995/97

(Em %)

	MICRO			PEQUENOS (20-99)	MÉDIOS (100-499)	GRANDES (500 +)
	0-4	5-9	10-19			
Indústria de Transformação						
Porte Menor	–	30,7	31,0	23,4	24,0	27,0
Porte Igual	80,2	47,7	51,3	72,6	74,0	73,0
Porte Maior	19,8	21,6	17,7	4,0	2,0	–
Comércio						
Porte Menor	–	31,4	32,8	25,9	25,8	43,5
Porte Igual	89,4	53,4	56,1	72,0	73,7	56,5
Porte Maior	10,6	15,2	11,1	2,1	0,5	–

Fonte: Rais/MTE.

^aEstabelecimentos que existiam em dezembro de 1995 e continuaram vivos em dezembro de 1997.

3. Impacto no Emprego Formal

A Tabela 5 mostra a importância dos novos estabelecimentos na criação de empregos. As unidades surgidas em 1996 contribuíram para o crescimento do emprego com 1.783 mil postos de trabalho formal naquele ano. Já as unidades fechadas ao longo de 1996 e aquelas constituídas antes de dezembro de 1995 e que permaneceram operando demitiram liquidamente, em 1996, 959 mil e 749 mil trabalhadores formais, respectivamente. Como resultado, verificou-se em 1996 o aumento líquido de 75 mil novos empregos formais. Em 1997, o impacto positivo no emprego foi maior, com a contratação adicional de 274 mil trabalhadores formais. As unidades surgidas em 1997 e 1996 foram responsáveis pela criação líquida de 2.249 mil e 108 mil postos de trabalho, respectivamente. O impacto negativo no emprego foi resultado de demissões e desligamentos das unidades fechadas ao longo de 1997 e daquelas criadas antes de dezembro de 1995 que permaneceram operando em dezembro de 1997 (1.336 mil e 747 mil postos, respectivamente).

Os micro e pequenos estabelecimentos foram os únicos a apresentar saldos positivos no tocante à criação líquida de postos de trabalho em 1996 e 1997. Em ambos os anos, o crescimento no emprego em tais unidades mais do que compensou a redução nas médias e grandes. Os microestabelecimentos

TABELA 5

Criação e Destruição de Emprego Formal no Brasil – 1995/97

(Em Mil Empregados)

	MICRO (0-19)	PEQUENOS (20-99)	MÉDIOS (100-499)	GRANDES (500 +)	TOTAL
Número de Trabalhadores em 1995	5.424	4.499	5.140	8.692	23.756
Criação e Destruição de Empregos em 1996					
Dos Estabelecimentos Criados em 1996	775	338	274	396	1.783
Dos Estabelecimentos Fechados em 1996	-306	-184	-183	-286	-959
Dos Estabelecimentos Sobreviventes de 1995	49	-135	-176	-486	-749
Geração Líquida de Empregos em 1996	517	19	-85	-376	75
Número de Trabalhadores em 1996	5.941	4.518	5.055	8.316	23.830
Criação e Destruição de Empregos em 1997					
Dos Estabelecimentos Criados em 1997	1.233	429	318	269	2.249
Dos Estabelecimentos Fechados em 1997 (Vivos em 1995)	-518	-210	-171	-195	-1.095
Dos Estabelecimentos Fechados em 1997 (Criados em 1996)	-147	-45	-33	-17	-242
Dos Estabelecimentos Sobreviventes de 1995	56	-155	-256	-385	-739
Dos Estabelecimentos Criados em 1996 (Vivos em 1997)	134	12	-20	-26	100
Geração Líquida de Empregos em 1997	758	32	-162	-353	274
Número de Trabalhadores em 1997	6.698	4.550	4.893	7.963	24.104

Fonte: Rais/MTE.

foram responsáveis por 54,8% do emprego nas novas firmas e por 49,7% do emprego destruído nas firmas que fecharam. Tais resultados são bem próximos aos da economia americana em 1995, quando os percentuais correspondentes foram 53,3% e 53,7% [ver U.S. Small Business Administration (1998)].

Considerando o conjunto de estabelecimentos existentes em dezembro de 1995 e que continuaram ativos em 1996 e 1997, apenas nas unidades de menor porte houve contratação líquida de trabalhadores ao longo de 1997.⁹ A comparação dos resultados da Tabela 5 com os apresentados na Seção 2 (ver item “Vínculo de Propriedade: Filiadas *versus* Autônomas, p. 36) sugere a importância de políticas de apoio aos estabelecimentos de menor porte. Enquanto a taxa de mortalidade das microunidades foi de 25,3% para o período dez. 1997/dez. 1996, nas grandes essa taxa foi de somente 4,5% (Gráfico 1). Contudo, apesar desse fato, há nas microunidades bem-sucedidas a criação líquida de emprego. Assim sendo, políticas públicas voltadas para diminuir a mortalidade das unidades de menor porte devem ter um efeito significativo na geração e manutenção de emprego.

4. Conclusão

Este estudo mostrou a existência de uma intensa movimentação na economia no tocante ao número de firmas, com uma quantidade significativa de unidades sendo criada e fechada a cada ano. Cerca de 41% do número de estabelecimentos existentes em dezembro de 1997 não existiam dois anos antes. As microunidades foram as principais agentes dessa mudança no conjunto de firmas brasileiras. Dentre os estabelecimentos surgidos em 1997, 97,7% eram micro, correspondendo a uma taxa de natalidade de 32,6%, enquanto a criação de novas grandes unidades foi de apenas 4,7%. A taxa de mortalidade das microfirms também foi significativamente maior, chegando a 25,3%, contra 4,5% no caso das grandes unidades. Além de variar com o porte, essas taxas mudam conforme o tipo de vínculo que as firmas têm com outros estabelecimentos. Em 1997, por exemplo, a taxa de mortalidade das unidades autônomas representou mais do que o dobro da taxa das filiadas.

Outra forma interessante de se analisar especificamente o fechamento de firmas é através da taxa de mortalidade nos anos posteriores ao de seu nas-

⁹ Pazello (1999) estima, para o período 1986/95, as taxas de criação e destruição de emprego segundo o porte, para o Brasil, com base na Pesquisa Industrial Anual (PIA), do IBGE. A autora utiliza a média corrente do número de trabalhadores para aplicar o critério de porte, dificultando a comparação entre os resultados. O estudo, no entanto, confirma que a criação e a destruição de empregos são maiores nas unidades de menor porte.

cimento. Os dados obtidos mostram que a taxa de mortalidade é tanto menor quanto maior é a idade do estabelecimento. Para as unidades nascidas em 1996, a taxa de mortalidade em 1997 foi de 30,1%, enquanto que, para aquelas nascidas em anos anteriores, ela ficou em 22,5%. Novamente, os dados apresentados mostram que as unidades de menor porte têm maiores dificuldades de sobreviver. Cerca de 30,7% das microfirms criadas em 1996 fecharam em 1997, ao passo que para as grandes essa taxa cai para 6,8%.

Além das estatísticas de natalidade e mortalidade, foram analisadas ainda as mudanças de porte nas firmas existentes em 1995 e que continuaram em atividade em 1996 e 1997. Na indústria, onde a economia de escala é mais relevante, a mudança de porte das firmas sobreviventes foi maior em relação, por exemplo, àquelas que compõem o setor de comércio. Uma nova empresa industrial pode começar operando numa escala subótima, mas a partir daí tem de se expandir para continuar em atividade.

Por último, foi analisado o impacto da criação e do fechamento de firmas no emprego formal em 1996 e 1997. Os dados apresentados mostram a importância dos novos estabelecimentos na demanda por mão-de-obra formal. Praticamente toda contratação líquida de trabalhadores surgiu da criação de novos estabelecimentos. Analisando o emprego no conjunto das firmas – novas, fechadas e que sobreviveram no período analisado –, apenas nas micro e pequenas houve a criação líquida de postos de trabalho, com o crescimento no emprego em tais unidades mais do que compensando a redução nas médias e grandes. Enquanto naqueles dois anos houve um acréscimo líquido de 1,3 milhão de postos de trabalho nas microunidades, nas grandes houve uma redução de 729 mil empregos formais.

A comparação entre os dados de movimentação de firmas e os de emprego fornece um bom quadro da importância do apoio àquelas de menor porte. Apesar de a taxa de mortalidade dos micro e pequenos estabelecimentos ser maior do que a dos grandes, somente nos primeiros tem ocorrido a criação líquida de empregos. Desse modo, os resultados sugerem que políticas públicas que reduzam a mortalidade das unidades de menor porte devem ter um impacto significativo na geração e manutenção do emprego.

Anexo

A base de dados utilizada neste estudo é a Relação Anual de Informações Sociais (Rais), do MTE, que contém informações sobre os estabelecimentos formais existentes no Brasil em 31 de dezembro de cada ano e, no nosso

caso, dada a disponibilidade de informações, cobre o período dez. 1995/dez. 1997.¹⁰

O critério de classificação do porte dos estabelecimentos foi fixado com base no número de trabalhadores formais empregados: até 19 (micro), 20 a 99 (pequenos), 100 a 499 (médios) e mais de 500 (grandes).¹¹ Há diversas aplicações possíveis para tal classificação. Neste estudo, com a finalidade de evitar reclassificação, em função de demissão ou contratação de trabalhadores, optou-se por utilizar a primeira informação disponibilizada.¹² Assim, as unidades nascidas em 1996 e 1997 foram classificadas diretamente a partir da Rais de 1996 e 1997, respectivamente. Já os estabelecimentos anteriores a 1996 foram enquadrados segundo o número de trabalhadores informados na Rais de 1995, data da informação mais remota disponível.

Apesar de todo o cuidado no tratamento das informações, pode haver algum viés nas taxas de natalidade e mortalidade obtidas neste trabalho. No primeiro caso, por exemplo, a falha de registro de uma firma em um dado ano, porém com o preenchimento da Rais no ano posterior, caracterizará o nascimento naquele último ano. De forma análoga, no cálculo da taxa de mortalidade podem estar incluídos estabelecimentos que, por não terem encaminhado informações ao MTE, foram considerados não mais existentes. Há também a possibilidade de uma unidade mudar de CNPJ para efeitos meramente fiscais.¹³ Finalmente, um determinado estabelecimento pode ter sua falência decretada e ainda assim, em função da necessidade de saldar o seu passivo, continuar existindo e declarando a Rais.

A taxa de natalidade foi computada como sendo o percentual de estabelecimentos criados em um determinado ano em relação ao total existente no ano anterior. Já no caso da mortalidade, com o intuito de investigar se existe alguma relação entre sobrevivência e idade da firma, foram considerados três tipos de taxas: *a)* número de estabelecimentos que deixaram de existir em um determinado ano em relação ao total existente no ano anterior; *b)* mortalidade condicionada ao fato de que o estabelecimento tenha sido criado

10 *Todo estabelecimento formal é obrigado a preencher anualmente a Rais. Nas informações exigidas, além do endereço da unidade e do setor de atividade, há o registro do nível e da composição de seus trabalhadores formais. Essas informações podem ser processadas tomando como unidade de investigação a empresa. Para uma discussão sobre a escolha de empresa ou de estabelecimento como unidade de pesquisa, ver Najberg e Oliveira (1999).*

11 *Para uma discussão sobre os critérios existentes no Brasil e no resto do mundo, ver Puga (2000).*

12 *As aplicações mais usuais para o critério de porte são: porte inicial, média do porte ao longo do período de estudo e porte ao final do período de análise.*

13 *Foi também detectada a ocorrência de filiais que registraram o mesmo CNPJ da matriz. Contudo, isso foi verificado em apenas 0,5% das firmas, tendo pouca influência na comparação entre as taxas de natalidade e mortalidade das filiais e das autônomas.*

no ano anterior, ou seja, a taxa de mortalidade no primeiro ano após o nascimento; e *c*) mortalidade para os casos em que o estabelecimento existisse há dois anos ou mais.

Os dados disponíveis para 1995 não distinguem os estabelecimentos nascidos naquele ano do total já existente. Assim, a apuração da taxa de mortalidade no primeiro ano posterior ao de nascimento (tipo *b*) só pôde ser computada tomando-se como base as unidades surgidas em 1996, ao passo que a taxa de mortalidade dos estabelecimentos com dois anos ou mais de vida (tipo *c*) foi calculada tomando-se como base as unidades surgidas antes de 1996.

A opção por dados longitudinais permite investigar o crescimento das unidades, mas impede uma análise estática.¹⁴ Assim, no cálculo das taxas segundo o porte, apenas foi estudado o ano mais recente, ou seja, 1997.

Referências Bibliográficas

- ACS, Z. J. *The changing structure of the U.S. economy: lesson from the steel industry*. New York: Praeger, 1984.
- AUDRETSCH, B. D. Small firms and efficiency. In: ACS, Z. J. (ed.). *Are small firms important? Their role and impact*. U.S. Small Business Administration, 1999.
- BRÜDERL, J., PREISENDÖRFER, P., ZIEGLER, R. Survival chances of newly founded business organizations. *American Sociological Review*, v. 57, p. 227-242, Apr. 1992.
- CABLE, J., SCHWALBACH, J. International comparisons of entry and exit. In: GEROSKI, P. A., SCHUWALBACH, J. (eds.). *Entry and market contestability: an international comparison*. Oxford: Basil Blackwell, 1991, p. 257-281.
- CAVES, R. E. Industrial organization and new finding on the turnover and mobility of firms. *Journal of Economic Literature*, v. 36, p. 1.947-1.982, Dec. 1998.
- DUNNE, T., ROBERTS, M. J., SAMUELSON, L. The growth and failure of US manufacturing plants. *Quarterly Journal of Economics*, v. 104, p. 671-698, 1989.

¹⁴ Para uma discussão sobre a análise de dados longitudinais e cross-section, ver U.S. Small Business Administration (1998) e Pazello (1999).

- EVANS, D. S. The relationship between firm growth, size and age: estimates for 100 manufacturing industries. *The Journal of Industrial Economics*, v. 35, n. 4, p. 567-581, June 1987.
- GEROSKI, P. A. What do we know about entry? *International Journal of Industrial Organization*, v. 13, n. 4, 1995.
- MATA, J., PORTUGAL, P. Life duration of new firms. *The Journal of Industrial Economics*, v. 42, n. 3, p. 227-245, Sept. 1994.
- NAJBERG, S., OLIVEIRA, P. A. S. *A dinâmica recente do emprego formal no Brasil*. Rio de Janeiro: BNDES, out. 1999 (Nota Técnica, 6).
- NAJBERG, S., PUGA, F. P., OLIVEIRA, P. A. S. *Criação e fechamento de firmas no Brasil*. Rio de Janeiro: BNDES, jun. 2000 (Texto para Discussão, 79).
- NUCCI, A. R. The demography of business closing. *Small Business Economics*, v. 12, p. 25-39, 1999.
- PAZELLO, E. T. *A relação entre tamanho e criação e destruição de postos de trabalho na indústria brasileira*. Rio de Janeiro: PUC, 1999 (Dissertação de Mestrado em Economia).
- PUGA, F. P. *Experiências de apoio às micro, pequenas e médias empresas nos Estados Unidos, na Itália e em Taiwan*. Rio de Janeiro: BNDES, fev. 2000 (Texto para Discussão, 75).
- SEBRAE. *Fatores condicionantes da mortalidade de empresas – pesquisa-piloto realizada em Minas Gerais*. Sebrae, 1998.
- _____. *Fatores condicionantes da mortalidade de empresas*. Sebrae, out. 1999a.
- _____. *Estudo da mortalidade das empresas paulistas*. Sebrae-SP, dez. 1999b.
- U.S. SMALL BUSINESS ADMINISTRATION (SBA). *Small business growth by major industry, 1988-1995*. 1998 (<http://www.sba.gov>).

